



O Servo de Deus
PADRE JENARO FERNANDEZ ECHEVERRIA
Sacerdote Religioso Agostiniano Recoleta
1909–1972

1. Vida familiar

Pe. Jenaro Fernández Echeverría nasceu a 19 de janeiro de 1909 em Dicastillo (Navarra – Espanha), no seio de uma família profundamente católica que deu à Igreja duas irmãs religiosas, dois sacerdotes agostinianos recoletos e um sacerdote diocesano. Três dos filhos de seu único irmão secular também professaram na vida religiosa, e um deles trabalhou por muitos anos nas missões do Amazonas (Brasil). Sua irmã casada teve dois filhos religiosos agostinianos recoletos.

2. Formação religiosa e sacerdotal

Vestiu o hábito recoleta em 1924 no convento de Villaviciosa de Odón (Madri) e professou no dia 15 de outubro de 1935 na Província de Santo Tomás de Vilanova. Realizou os cursos de Teologia no convento dos agostinianos recoletos de Monachil (Granada), onde emitiu a votos solenes no dia 20 de janeiro de 1930. Seu grande desejo era consumir toda sua trabalhando nas missões; no entanto, a vontade do Senhor era que a passasse na “cidade eterna”: Roma. Ali chegou a 20 de junho de 1931 e foi ordenado sacerdote a 24 de janeiro de 1932. Continuou seus estudos até 21 de janeiro de 1938, quando se doutorou em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana.

3. Vida religiosa

Pe. Jenaro foi um religioso “perfeito”, dotado de todas as virtudes, mas se destacou especialmente pela simplicidade, humildade e caridade. Estas foram as virtudes que lhe granjearam a estima de todos os que tiveram a felicidade de viver com ele, para quem era, ao mesmo tempo, um estímulo e um exemplo. A dedicação pela santificação de seus irmãos não era mais que um reflexo do sincero empenho por sua própria santificação, de sua espontânea, alegre e crescente fidelidade a sua vocação religiosa e sacerdotal, de sua fé vivíssima e cheia de um sabor místico, de seu total abandono nas mãos de Deus, de sua incondicional obediência a seus superiores.

Era muito fervoroso na recitação diária da Ofício Divino e do santo Rosário, na oração mental e demais exercícios espirituais, sobretudo na celebração da santa missa.

Celebrava-a como se estivesse em contato íntimo com o Senhor, permanecendo profundamente concentrado sobre a ação que celebrava. Em suas homilias costumava conjugar a doutrina com a unção espiritual e a clareza expositiva. Sabia enriquecê-las com exemplos e aplicações práticas que chegavam ao coração dos ouvintes. Não foram poucos os que vinham à capela para ouvi-lo. Anunciava o Evangelho de todas as formas possíveis e, em particular, com o exercício de sua inesgotável caridade. De maneira espontânea e generosa destilava Deus; e isto lhe era perfeitamente natural uma vez que se achava em papado de Deus. Ao vê-lo, no trato com ele, ao comunicar-se com ele, se recebia indefectivelmente a impressão de estar com um frade singular.

4. Trabalhos apostólicos

Desde o ano 1931 até 1972 residiu quase sempre em Roma, com exceção de alguns curtos períodos de tempo transcorridos em San Sebastián, Artieda e Granada (Espanha). Como religioso desempenhou ofícios de grande responsabilidade: ajudante de Mestre de Noviços em Villaviciosa de Odón, Mestre de estudantes no Colégio de San Sebastián, procurador Geral ante a Santa Sé, Procurador Geral das Missões OAR, Vigário Geral e Primeiro Conselheiro, Postulador Geral para as Causas dos Santos e Diretor do Instituto Histórico da Ordem dos Agostinianos Recoletos. Seu talento foi excelentemente cultivado. Sua atividade literária foi variada e abundante: grande quantidade de trabalhos, crônicas, poesias, etc.

Dentre suas obras podemos destacar a já citada *De Figura Juridica*, e quatro tomos do *Bullarium Ordinis Augustinianorum Recollectorum*. Ao concluir este trabalho em 1970, escreveu em uma de suas cartas: “*Grazie a Dio ho compiuto il lavoro affidatomi dai Capitoli Generali. Ho amato il mio Ordine come mia madre e ho cercato di servirlo. Intercedono per me i suoi santi, affinché anch’io sia santo*”.

Foi um incansável trabalhador da vinha do Senhor. Um obreiro que trabalhava sempre com amor, buscando por onde dar o melhor de si, sem restrições e sem medir sacrifícios. Especialíssima foi sua devoção à Igreja e aos Sumos Pontífices, com quem se sentiu sempre plenamente identificado. O Papa João XXIII o nomeou Perito da Comissão Conciliar e Preconciliar dos Bispos e do governo das dioceses, que o elegeu Secretário da mesma; Comissário da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares e Consultor da mesma; Assistente Geral da Congregação de Ermitões Camaldulenses de Monte Corona. À sua nomeação fez o seguinte comentário: “*Così per volontà del Santo Padre, sono figlio della Chiesa. Con tutto il cuore offrirò il mio umile contributo. Il Signore m’illumini*”.

Suas cartas, bastante numerosas, são um verdadeiro tesouro literário e delicadeza espiritual. Eram dirigidas às pessoas de todas as condições, empanados de fervor, simplicidade e espontaneidade. Animava aos seus correspondentes a buscar e acatar sempre a vontade do Senhor.

Homem compreensivo e paterno consolava aos aflitos e pacificava aos corações angustiados. Era muito afetuoso e gentil com as pessoas. Passava muitíssimas horas no confessionário ou na sala de consulta, animando com docilidade, suavidade e carinho a todos que se aproximavam dele. Todos os dias, e durante anos, precisava interromper várias vezes seu trabalho para atender aos que queriam confessar, consultá-lo ou para atender a uma simples chamada telefônica. Os fiéis se acercavam dele em busca de luz, de consolo, de direção, de mediação, de caridade, de uma palavra carinhosa acessível a qualquer criança.

Era uma pessoa conhecida por sua generosidade, simplicidade e alegria entre os humildes, os pobres, os jovens, os anciãos, os enfermos, os moribundos e todos os necessitados de consolo. Estes, evidentemente, eram muito numerosos, pois Pe. Jenaro viveu os anos da guerra mundial. Muitos iam a ele pedir esmola ou qualquer outra ajuda material. Ele se desdobrava para conseguir meios com que ajudar todos. Tudo o fazia sem grandes rumores, mas às escondidas, com paciência e atitude de serviço.

5. A morte

A morte lhe chegou de repente, em um acidente de moto no dia 26 de junho de 1972. Ficou em estado de coma até sua morte, ocorrida a 3 de julho do mesmo ano. Em todos esses dias não abriu os olhos nem pronunciou qualquer palavra, mas seu rosto sempre permaneceu sereno. Quem viveu sempre em silêncio, sem alardes se despediu desta vida. A notícia de sua morte se difundiu rapidamente tanto entre a alta sociedade como entre a gente simples, entre todos aqueles que o haviam conhecido e tido certa proximidade com ele durante esta vida. A capela da Cúria Geral se tornou pequena para acomodar a multidão que queria render-lhe sua última homenagem, tanto que houve necessidade de trasladar seu corpo para a Basílica de São Pedro e São Paulo, onde foi celebrada a missa funeral. Foi enterrado no cemitério de Verano de Roma.

6. Espiritualidade

Deixou um rastro inapagável de bondade, humildade, caridade inesgotável e dedicação total e fidelíssima no cumprimento de suas obrigações. Sua personalidade e modo de falar, de atuar, de olhar nos olhos, sua figura física, espiritual e moral era simples, sem complexos, transparente, e com tal nitidez que pode muito bem incluído entre os humildes, os simples e mansos de coração do Evangelho. Emanava dele o perfume de Cristo e em sua figura se refletia a luz do Bom Pastor.

7. Causa de beatificação e canonização

Dado que o Servo de Deus, padre Jenaro Fernández, passou os últimos anos de sua vida em Roma e ali morreu, segundo o artigo 5 das “*Normae Servandae...*” de 1983, a Causa de beatificação devia ser realizada em Roma. Assim, ali se deu início aos trâmites e serão interrogadas as testemunhas que vivem na Itália. No entanto, considerando que muitas dessas pessoas e documentos se acham na Espanha, se pediu à Congregação das Causas dos Santos a faculdade de constituir ali um Tribunal que para

trabalhar paralelamente com o Tribunal de Roma. A Santa Sé, acolhendo o pedido do Postulador, concedeu a 23 de abril 1993 tal faculdade ao arcebispo de Pamplona, e depois, sempre a pedido do Postulador, a 15 de janeiro de 1999 a transferiu à Arquidiocese de Madri.

No dia 27 de maio de 2006 foi apresentado o *Suplex libellus* tanto na arquidiocese de Madri como no Vicariato de Roma para a abertura da causa da beatificação e canonização. Ambos os tribunais (Roma e Madri) são “*aeque principales*”, e trabalharão independentemente um do outro. A petição se tornou pública na arquidiocese de Madri a 18 de outubro de 2006 por meio de um edito onde se invoca a todos os fiéis a que manifestem dentro do prazo de 40 dias tudo aquilo que possa ser útil à Causa, tanto a favor como contra. No dia 31 de maio de 2007 se fez o mesmo no Vicariato de Roma.